

O GÊNERO “MEME” EM *POSTS* DE *BLOG* EDUCACIONAL: LENDO ENUNCIADOS VERBO-VISUAIS COM BAKHTIN E O CÍRCULO

THE GENRE “MEME” IN BLOG’S POSTS: READING VERB-VISUAL ENUNCIATED SPEECHES WITH BAKHTIN AND THE CIRCLE

Marina Totina de Almeida Lara
UNESP

Resumo: As novas possibilidades de atuação humana nas esferas de atividade fazem com que, cotidianamente, novos gêneros se configurem e se reorganizem. Com possibilidade de existência garantida por novos espaços de dizer (pela *internet*, por exemplo), esses enunciados definem novos modos de leitura, pois, majoritariamente, compõem-se com materialidades além do signo verbal. Neste artigo, propomos discutir o meme como gênero do discurso e como recurso didático-pedagógico no *blog* de um cursinho pré-vestibular, o Desconversa. A perspectiva teórico-metodológica adotada para a discussão é a de Bakhtin e seu Círculo, que propõe uma análise dialógica dos enunciados.

Palavras-chave: Gêneros do discurso; Enunciados verbo-visuais; Memes.

Abstract: The new possibilities of human acting in the spheres of activities are responsible for configuring and reconfiguring the new genres of discourse. Having guarantee by new speaking spaces (e.g. the internet), the enunciations define new ways of reading, because they are made by materialities beyond the verbal sign. In this article, we discuss the meme as a genre of discourse as well as a didactic-pedagogic recourse on a Preparatory Course’s *blog* named Desconversa. The theoretical-methodological perspective proposed by Bakhtin and his Circle was chosen to lead this discussion, since it proposes a dialogic analysis of the enunciations

Keywords: Genres of Discourse; Verb-visual enunciated speech; “Meme”.

INTRODUÇÃO

A contemporaneidade leva-nos à reflexão de que as tecnologias não somente interferiram no ofício da vida, mas também modificaram as próprias relações sociais e formas de interação e produção discursivas. E, se assim é, é fato que essas mudanças implicam alterações no espaço e configuração escolar. Nesse contexto, encontram-se, em

ambiente digital, diferentes tipos de enunciados produzidos com finalidades didático-pedagógicas, que inovam e se destacam em meio aos gêneros já conhecidos na esfera pedagógica, visto que as fronteiras da sala de aula expandiram-se e expandem-se diariamente após o *boom* tecnológico e a popularização da *internet*.

Com interesse voltado para os gêneros que circulam dentro da esfera didático-pedagógica, analisamos, neste artigo, alguns enunciados em formato de *post* de *blog*, com função didático-pedagógica, das disciplinas de gramática e redação, disponibilizados gratuitamente no *blog* de um cursinho *online*, o *Descoversa*¹, a fim de destacar os recursos didático-pedagógicos inovadores na esfera pedagógica usados nesses enunciados, que definem novas práticas de leitura, e entender o meme como um gênero do discurso – considerando seu estilo, forma composicional e tema (BAKHTIN, 2011) –, sob a perspectiva teórico-metodológica de Bakhtin e o Círculo, que propõe uma análise dialógica dos enunciados. Os principais conceitos mobilizados neste trabalho da teoria do Círculo são enunciado concreto e gênero do discurso. O presente artigo faz parte da pesquisa de mestrado da autora, e justifica-se pela pouca recorrência de estudos desse objeto (meme) no campo da análise dialógica do discurso.

Por assumirmos a hipótese de o meme ser um gênero discursivo, discutimos sua forma arquitetônica e composicional, destacando sua configuração como enunciado concreto verbo-visual, ou seja, que possui, em relação, a dimensão linguística (seja da oralidade ou da escrita) e a imagem, retomando trabalhos de Brait (2009, 2013) e Grillo (2012) para a abordagem do tema, além das considerações do Círculo. Por forma arquitetônica e composicional, entendemos, de acordo com Grillo (2012, p. 243),

[como] forma arquitetônica [...] a individualização do objeto estético em uma totalidade pelo autor-criador e pelo leitor, processo que envolve valores cognitivos e éticos da vida e acabamento estético. [como] forma composicional [aquela que] realiza uma forma arquitetônica, na organização do material semiótico (verbal, visual, sonoro, etc) em um todo, do qual cada uma das partes dirige-se a um fim.

¹ O *Descoversa* é o *blog* do maior cursinho *online* da atualidade, que disponibiliza aulas gratuitas, em formato de *post*, e para assinantes, sendo as gratuitas disponibilizadas no *blog* (<http://descomplica.com.br/blog>) e os para assinantes na página do *Descomplica* (<http://descomplica.com.br/>). Hoje o *Descomplica* atende, aproximadamente, seis milhões de alunos assinantes em todo o Brasil, além dos que acessam o *blog Descoversa*, e é parceiro do MEC (fonte: <http://projetodraft.com/descomplica/>).

Assim sendo, defendemos a possibilidade de se analisar materialidades verbo-visuais por meio da filosofia de Bakhtin e o Círculo como enunciados que formam um todo indissolúvel e, portanto, dos quais participam, com igual relevância, elementos verbais e visuais para constituir o todo de sentido. Para pensar em gênero, no caso, o meme, consideramos, além de seus elementos constitutivos – estilo, forma composicional e tema – , suas esferas de produção, circulação e recepção, o que demonstra que, se compreendemos a vida por meio dos enunciados (que, por conseguinte, constituem gêneros) há uma intrínseca relação entre língua e sociedade.

O artigo está organizado em três seções, além da introdução. Na primeira delas, trazemos para reflexão os postulados do Círculo acerca de enunciados verbo-visuais; na segunda, pensamos sobre gêneros do discurso para, na terceira, podermos apresentar como entendemos o meme enquanto gênero discursivo, na perspectiva bakhtiniana, e como ocorre a presença desse gênero em enunciados com fins didático-pedagógicos.

1. OS ENUNCIADOS VERBO-VISUAIS SEGUNDO O CÍRCULO DE BAKHTIN

Segundo Bakhtin (2011), os usos da língua são inúmeros, assim como a quantidade de esferas de atividade humana, nas quais os sujeitos vivem e interagem, o que não invalida a noção de unidade de uma língua, mas que revela que é possível que haja diferentes orientações e maneiras de uso da(s) linguagem(ns), sempre direcionadas pelas características de cada esfera. Para Voloshinov/Bakhtin (1999, p. 33) (entendendo campo como sinônimo de esfera), “Cada campo de criatividade ideológica tem seu próprio modo de orientação para a realidade e refrata a realidade à sua própria maneira. Cada campo dispõe de sua própria função no conjunto da vida social”.

Sendo assim, as linguagens manifestam-se dentro das esferas de atividade humana, por meio de enunciados, concretos (concretos, pois se realizam em uma situação real de interação), de diferentes materialidades, mas sempre com sentido único e irrepetível, refletindo e refratando (VOLOSHINOV/BAKHTIN, 1999) as características e as possibilidades de dizer da esfera de enunciação em sua sócio-historicidade, e constituindo um discurso de um determinado gênero.

Bakhtin e o Círculo, em toda sua obra, buscam a elaboração de uma filosofia da linguagem que não se restrinja a abordagens parciais ou objetivistas abstratas do fenômeno

da linguagem em sociedade (VOLOSHINOV/BAKHTIN, 1999), mas, em contrapartida, que apresente uma estética geral, sob a qual seja possível que se realizem análises que vão além da materialidade verbal, como assim foi feito quando fazem apontamentos sobre a pintura ou sobre a arquitetura. Este norteamto dos estudos do Círculo revela que suas produções e considerações não se restringiam ao signo verbal, como já apontado por estudiosos da área como Brait (2009, 2013) e Grillo (2012), e que poderiam estender-se às análises de enunciados verbo-visuais, por exemplo, o que Brait (2013, p. 44) denomina de “dimensão verbo-visual do enunciado”.

Em *Marxismo e Filosofia da Linguagem* (1999), Voloshinov/Bakhtin já considera como materialidade de expressão a palavra, o signo, o desenho, a pintura, o som musical etc. Além disso, na mesma obra, ao refletirem sobre o valor semiótico dos signos ideológicos e a consciência, afirmam que,

Se privarmos a consciência de seu conteúdo semiótico e ideológico, não sobra nada. A imagem, a palavra, o gesto significante, etc. constituem seu único abrigo. Fora desse material, há apenas o simples ato fisiológico, não esclarecido pela consciência, desprovido do sentido que os signos lhe conferem (VOLOSHINOV/BAKHTIN, 1999, p. 36).

Essa posição nos revela, portanto, que o signo, para os autores, não é só linguístico. Fica evidente, a partir das reflexões apontadas na obra do Círculo, que não são novidades para os sujeitos, independentemente de sua espaço-temporalidade, as manifestações de linguagem por meio de enunciados visuais, verbo-visuais ou ainda verbo-voco-visuais: “todas as manifestações da criação ideológica – todos os signos não-verbais – banham-se no discurso e não podem ser nem totalmente isoladas nem totalmente separadas dele” (VOLOSHINOV/BAKHTIN, 1999, p.38). Bakhtin (2011), ainda, assumindo texto como sinônimo de enunciado em *O problema do texto na linguística, na filologia e em outras ciências humanas*, afirma que, “Se entendido o texto no sentido amplo como qualquer conjunto coerente de signos, a ciência das artes (a musicologia, a teoria e a história das artes plásticas) opera com textos (obras de arte)” (BAKHTIN, 2011, p. 307), dando mais uma abertura para o estudo de diferentes materialidades a partir de seus postulados. Detendo-nos aos enunciados verbo-visuais, dos quais tratamos nesse artigo, podemos afirmar que esse tipo de configuração da linguagem é tão comum quanto as manifestações restritas ao signo

verbal, se é que podemos afirmar que há algum tipo de uso da língua que seja estritamente verbal, já que a verbo-visualidade é constitutiva dos enunciados segundo Brait (2013).

As possibilidades de comunicação, expressão e interação advindas das novas TICs (ROJO, 2013) – tecnologias da informação e comunicação – permitem que os sujeitos façam uso da linguagem de maneira ampla e com inúmeras possibilidades de associação do verbal ao visual, ao som, ao gesto e ao movimento. Assim, com essa diversidade de desdobramentos da linguagem, os sujeitos fazem uso de suas diferentes possibilidades de realização por meio de recursos disponíveis em seus *notebooks*, *Ipad's*, *smartphones* e afins, o que faz com que seja impossível afirmar que há veiculação de sentido único em enunciados compostos por materialidades verbais e visuais (ou de qualquer outra materialidade), ou que há uma relação de hierarquia valorativa entre o verbal e o visual. Para Voloshinov/Bakhtin (1999, p.38), “nenhum dos signos ideológicos específicos, fundamentais, é inteiramente substituível por palavras”, tudo o que pode ser revestido de sentido constitui um signo na perspectiva do Círculo, e todas as manifestações para as quais se atribuem signos constituem discurso. O que Brait (2013) ressalta em seu estudo sobre a relação entre o verbal e o visual é que, quando articulados em um único enunciado, verbal e visual podem possuir gradações, “pendendo mais para o verbal ou mais para o visual, mas organizados num único plano de expressão, numa combinatória de materialidades” (BRAIT, 2013, p.50). Consideramos, ainda, que a organização de enunciados que apresentam materialidade verbo-visual em sua forma composicional é a materialização da arquitetônica do enunciado, do próprio projeto de dizer do autor.

Não necessitando restringir-nos às novas formas de interação propiciadas pelas tecnologias, podemos afirmar que o próprio discurso falado, associado às gestualidades, por exemplo, constitui um todo de sentido, com vistas de perda de significado se se analisa o verbal separadamente do visual. Para os autores, “se perdermos de vista os elementos da situação, estaremos tão pouco aptos a compreender a enunciação como se perdêssemos suas palavras mais importantes” (VOLOSHINOV/BAKHTIN, 1999, P.128). Sendo assim, é necessário que os enunciados verbo-visuais sejam analisados como um todo de sentido, como um só enunciado concreto, potencializando os significados – é claro, conservando as peculiaridades de cada materialidade – e sempre pensados dentro de suas esferas de produção, circulação e recepção. Além disso, faz-se necessário uma atualização das formas de leitura dos enunciados, pois lemos em novos suportes, que permitem novas produções. Brait afirma que trabalhar com verbo-visualidade é um “papel importante na leitura da

contemporaneidade e no ensino dessa leitura, mas exige empenho e rigor teórico-metodológico” (BRAIT, 2013, p. 62).

Dessa forma concluímos que não basta a leitura de enunciados que se restrinja à decodificação de signos verbais, é preciso que estes sejam relacionados à imagem, associados ao som, ao movimento; é necessário, a cada dia, que se desenvolvam novas práticas de leitura e novos olhares para os enunciados de diferentes materialidades que diariamente emergem nas esferas de comunicação. Ainda que Bakhtin e o Círculo não tenha falado dos gêneros atuais (pensando, especificamente, nos digitais), devido à sua temporalidade, seus escritos ainda são ricos para a reflexão sobre as práticas dos sujeitos nas esferas de atividade humana da contemporaneidade, pois possibilitam a reflexão sobre condições de produção dos gêneros, sua constituição, sua circulação, recepção e as redes de enunciados aos quais se relaciona.

2. OS GÊNEROS DO DISCURSO PARA BAKHTIN E O CÍRCULO

Os estudos sobre enunciado e, por conseguinte, sobre os gêneros discursivos, são conhecidos na teoria de Bakhtin e o Círculo no Brasil e são uma das suas maiores contribuições para novas reflexões sobre a língua em sociedade. Como afirma Rojo, (2013, p. 139),

Uma das grandes contribuições da teoria dos gêneros [de Bakhtin] concentra-se na abordagem de que falamos/escrevemos/comunicamos por meio dos diversos gêneros do discurso que circulam nas inúmeras esferas de comunicação social. Se, por um lado, essa abertura se mostra ampla – impossibilitando uma classificação estanque dos gêneros; por outro lado, põe-nos em contato com inúmeras possibilidades de enunciados/enunciações/textos/discursos/designs.

Sob essa ótica, é possível entender que, para a realização de todas as atividades humanas, cotidianamente, lançamos mão dos gêneros do discurso², orais, escritos etc, que circulam por nossas esferas de atividade. São eles que organizam a comunicação/interação

² Bakhtin (2011) propõe uma classificação dos gêneros em primários e secundários, sendo os primários os “simples”, àqueles ligados à vida cotidiana e, geralmente, compostos na modalidade oral: ordens, bilhetes, cumprimentos, etc, e, os secundários, os “complexos”, que “servem a finalidades públicas de vários tipos, em diversas esferas ou campos de atividade humana e comunicação” (BARBOSA, J; ROJO, R., 2015), mais formais e oficiais, que utilizam diferentes modalidades da língua em sua composição e também se apropriam dos primários, como os romances, relatórios, artigos científicos, novelas etc.

dentro das esferas e, sendo assim, para compreensão da vida é necessário que sejam identificados e analisados. Segundo Grillo (2012, p. 240), “a subjetividade do falante ou a sua intenção (ou vontade) discursiva se expressa em suas escolhas e está materializada no enunciado, mas é determinada pela esfera, pelas circunstâncias e desenhada pelo gênero discursivo”. Por esferas de atividade humana/comunicação/discursivas, entendemos “espaços” ideologicamente concebidos e de espaço-temporalidade comum, nos quais os sujeitos se organizam, atuam, determinam valores, poderes, saberes compartilhados, formas de expressão etc, ou seja, onde se valem dos gêneros do discurso.

Quando falamos em enunciado concreto, na perspectiva do Círculo, falamos sobre a constituição de um discurso, de determinado gênero, que é elaborado no seio das esferas de atividade humanas, refletindo e refratando (VOLOSHINOV/BAKHTIN, 1999) as possibilidades e as necessidades de enunciação e a sócio-historicidade da esfera, não somente em seu conteúdo temático (temas – repletos de valorização – que nelas podem ser abordados) e estilo (tipo de registro, acabamento do enunciado com escolhas gramaticais, lexicais etc), mas também em sua forma composicional. Para Bakhtin (2011, p. 266),

Em cada campo existem e são empregados gêneros que correspondem às condições específicas de dado campo. [...] Uma determinada função (científica, técnica, publicística, oficial, cotidiana) e determinadas condições de comunicação discursiva, específicas de cada campo, geram determinados gêneros, isto é, determinados tipos de enunciados estilísticos, temáticos e composicionais relativamente estáveis.

Nessa perspectiva, fica evidente o surgimento ininterrupto de novos gêneros do discurso com novas formas de interação em meio às novas tecnologias e práticas comunicativas. Brait (2013, p. 62) chama atenção para esse entendimento, em diálogo com nossa conceituação inicial sobre enunciados verbo-visuais, já que não existe enunciado sem gênero:

Se nos ativermos à ideia simples e redutora de que o gênero comporta forma de composição, estilo e tema, também dessa perspectiva, que necessariamente implica diferenças textuais e discursivas, a hipótese sobre a importância da verbo-visualidade parece confirmar-se. Podemos observar, por exemplo, que o elemento visual vai articular-se ao verbal de maneiras diferentes em cada enunciado, interferindo na forma de composição, no estilo e, conseqüentemente, nos temas produzidos. São, portanto, *projetos de construção de conhecimento verbo-visualmente constituídos*. (grifo nosso)

Considerando ainda a afirmação do autor supracitada (BAKHTIN, 2011, p. 266), a característica instável dos enunciados, mesmo sabendo que a identificação dos gêneros seja feita por meio de suas estabilidades, vem da própria instabilidade das esferas (e da vida humana), que se atualizam cotidianamente e assim modificam, fazem “nascer” ou “morrer” os gêneros nelas produzidos. O interesse de Bakhtin pela instabilidade dos enunciados dialoga com as críticas em sua obra sobre a abordagem dos formalistas russos de entendimento dos gêneros com base estrita em suas propriedades formais, sem considerar aspectos extralinguísticos que constituem os enunciados, e também com o incessante trabalho do Círculo em entender a linguagem em funcionamento na vida, em sua dinamicidade.

Diante dessa heterogeneidade dos enunciados, como identificar os gêneros? Para isso, temos em Bakhtin (2011, p.274-275) a noção de estabilidade, de propriedades comuns nos enunciados e de limites precisos: “Por mais diferentes que sejam as enunciações por seu volume, pelo conteúdo, pela construção composicional, elas possuem como unidades da comunicação discursiva peculiaridades estruturais comuns, e antes de tudo *limites* absolutamente precisos”. Diante disso, vê-se a possibilidade de se encontrarem regularidades nos enunciados, as quais nos permitem a identificação dos gêneros. Essas regularidades podem ser suas propriedades formais, temas, funções que realizam ou tipo/estilo de linguagem empregada. Há sempre o que já é dado e o novo em cada enunciado, a estabilidade e as singularidades, que se dão no acontecimento discursivo. Os limites dos quais fala o autor no trecho supracitado são as fronteiras dos enunciados, que podem ser delimitadas na alternância entre os sujeitos na enunciação, quando o enunciador julga ser o momento de dar o acabamento provisório ao enunciado e “passar a palavra” ao outro. Dizemos provisório, pois a cada “término” do enunciado o falante dá espaço ao seu outro para que este realize sua atitude responsiva àquele enunciado, confirmando-o, refutando-o, fazendo considerações, adentrando-o e renovando-o, à sua maneira, seja em uma compreensão/apreciação silenciosa, em uma resposta na modalidade oral ou em uma resposta pelos *chats* na *web* etc.

Em suma, deve-se compreender que novas formas de viver e de interagir socialmente, identificadas nas esferas/campos de atividade humana, sob influência de valores, questões econômicas, sociais, temporais e espaciais, organizam novos temas, formas composicionais e estilos de enunciados relativamente estáveis, configurando novos gêneros, em resposta a essas novas formas de organização da vida nas esferas – o que

demonstra a influência e importância de fatores extralinguísticos nos enunciados – e que nos leva a refletir sobre a classificação do meme como gênero discursivo, tema de nosso próximo item.

3. O “MEME” COMO GÊNERO DO DISCURSO

A escola, na contemporaneidade, já possui outras existências além da física, como a *online*. Essa nova existência, popularizada no Brasil, a princípio, pelas unidades de ensino superior à distância e de cursos profissionalizantes, hoje já abrange as unidades de ensino básico com, principalmente, a oferta de supletivos para o Ensino Médio e até mesmo a de Cursos Pré-vestibulares. Essa expansão aponta para novas fronteiras dentro da esfera pedagógica, que garantem também novas práticas de ensino-aprendizagem tanto em ambiente presencial, quanto no *online*.

A união entre escola e tecnologia não é só uma preocupação de empresários e docentes em ambiente *online*, mas também em ambiente presencial, onde a cobrança para que práticas que unam escola e ambiente virtual são evidentes e materializadas, inclusive nas atividades trazidas pelos materiais didáticos, que, certas vezes, também possuem portais virtuais, CDs ou *pendrives* com conteúdos extras para acesso, trazendo para o espaço escolar novas práticas de comunicação e interação da contemporaneidade. Não desconsideramos, ainda, que também há uma preocupação da academia em produzir conhecimento para que essa união seja possibilitada.

A expansão do espaço escolar e, por conseguinte, das práticas pedagógicas para o ambiente digital, requer adaptações e costuma se realizar nesse novo ambiente em formato majoritário de vídeo-aulas, disponibilizadas em plataformas como *Youtube* ou em *sites* independentes. Outro formato encontrado e que compõe o *corpus* dessa pesquisa, são os *posts* educacionais, disponibilizados em *blog* (www.descomplica.com.br/blog), que funcionam como aulas nesse ambiente e formato.

Assim como em aulas presenciais e em materiais didáticos, um dos conteúdos pedagógicos encontrados em ambiente *online* constitui o que Bakhtin (2011) chama de gêneros do discurso. Quando presentes em ambiente educacional em práticas educativas, esses gêneros (charges, piadas, tirinhas, propagandas, cartas, etc) são entendidos como “escolarizados”, pois compõem uma rede de gêneros associados à educação (e ao ensino

tradicional) e que são utilizados comumente em aulas, apostilas e provas, com o propósito pedagógico.

A inovação encontrada no nosso *corpus* e que é uma instabilidade no discurso pedagógico, quando se pensa nos gêneros que são utilizados na esfera didático-pedagógica, é a presença dos memes (gêneros que circulam em redes sociais, principalmente). Nossa hipótese é a de que os memes constituem um gênero do discurso, ou seja, uma realização na vida propiciada e “nascida” pela relação entre o sujeito e sua esfera, em determinada espaço-temporalidade de produção.

A primeira vez que o termo “meme” aparece na literatura é no livro *O gene egoísta* (1976), do biólogo Richard Dawkins. Nesse livro, o autor, pensando sobre replicadores culturais, no campo da biologia, discute a necessidade de um nome que transmita a ideia de uma unidade de transmissão cultural. Sendo assim, analogamente ao termo *gene* (que transmite características genéticas), e a partir da raiz grega *mimeme* (traduzida como cópia, imitação), Dawkins chega ao nome “meme” para se referir, portanto, àquilo que se copia, é compartilhado e disseminado por sujeitos nos espaços de interação, ou seja, àquilo que transmite aspectos culturais. O termo em questão adentrou o campo das ciências da linguagem pela área da comunicação social, que assume como meme tudo aquilo que “viraliza”, ou seja, que é altamente compartilhado, podendo consistir em imagens, frases, *hashtags* e afins.

Pensamos, a partir do campo da Análise Dialógica do Discurso, o meme enquanto gênero, como já afirmado, e não como fenômeno de compartilhamento. Dessa forma, não entendemos, como no campo da comunicação social, qualquer enunciado “viralizado” como meme. Pensamos que *hashtags*, vídeos e bordões, por exemplo, pertencem a outro gênero, que podem dialogar com os memes, e, dessa forma, julgamos ser importante explanarmos o que estamos entendendo como meme, e quais as estabilidades e instabilidades que encontramos nesse tipo de enunciado. Abaixo apresentamos uma imagem que contém um meme:

Figura 1: Meme utilizado como exemplo do conteúdo em *posts* sobre gêneros textuais



Os textos expositivos possuem a função de expor determinada ideia, utilizando-se de recursos como definição, conceituação, informação, descrição e comparação. Alguns exemplos de gêneros textuais expositivos:

- Seminários
- Palestras
- Conferências
- Entrevistas
- Trabalhos acadêmicos
- Enciclopédia
- Verbetes de dicionários

Os memes (figura 1), que entendemos como gêneros do discurso e aqui propomos descrever, na perspectiva de Bakhtin e o Círculo, são enunciados relativamente estáveis, que circulam em ambiente *online*, compostos, em sua maioria, por materialidades verbais e visuais, e têm como arquitetônica fundamental a produção de humor, sempre em associação a uma imagem.

A forma composicional estável de um meme revela-se por meio de uma imagem, em forma quadrangular ou retangular (podendo ser seccionada em quadros), com texto verbal sobreposto (podendo ser em português ou em outra língua), organizado de forma

binária na parte superior e inferior da imagem (sendo na inferior, geralmente, o enunciado “inesperado”, que produz humor), o que o caracteriza como um enunciado verbo-visual, como pode ser visto na Figura 1. Há também a possibilidade de o texto verbal estar presente somente na parte superior ou inferior da imagem. O estilo do meme também é constituído, muitas vezes, por citação e paródia, ou seja, em diálogo com outros textos e outras imagens, podendo citá-los de forma direta ou indireta, ressignificando-os em um novo acontecimento. Ressaltamos que classificar o meme como enunciado verbo-visual não se constitui apenas da obrigação de ler o enunciado verbal e visual, mas de pensá-los em associação e em diálogo com as circunstâncias sócio-históricas que são constitutivas desse (e de todo) tipo de enunciado para que a produção de sentidos seja completa.

O meme é um gênero que veicula humor e que ressignifica imagens, acontecimentos, estereótipos e frases para que essa finalidade seja atingida. Portanto, uma foto, que a princípio não produziria humor, por exemplo, pode ser ressignificada, reacentuada e tornar-se um meme. Ou então, imagens e frases podem ser criadas já com o objetivo de serem memes, ou seja, de veicularem humor de maneira específica na *internet*. Além disso, uma mesma imagem/foto/ilustração pode dar origem a vários memes, alterando-se somente o texto verbal. Ainda, um mesmo texto verbal pode dar origem a vários memes, modificando-se apenas a imagem. Dependendo, portanto, dessa hibridização de materiais em meios tecnológicos, a produção desse tipo de enunciado exige dispositivos que disponham de ferramentas de edição, como computadores, *tablets* ou *smartphones*.

Sua circulação se dá em ambiente virtual (o que faz com que seja classificado como um gênero digital, mesmo que possa vir a circular em meios impressos) e seus temas são variados, entretanto sempre relacionados com algum acontecimento recente ou que está “viralizado”, o que revela que a “vida” e a produção de sentidos de um meme são temporárias, podendo variar entre semanas, meses ou mesmo horas; Azzari e Melo (2016) defendem o cronotopo do meme como o da “modernidade líquida”, que é efêmero e fugaz, relacionando os estudos de Bakhtin e Bauman. Bakhtin (1998, p. 98) escreve sobre essa instabilidade e efemeridade da linguagem do cotidiano:

[há] até mesmo linguagens dos dias: com efeito, o dia sócio-ideológico e político de “ontem” e o de hoje não têm a mesma linguagem comum. Cada dia tem a sua conjuntura sócio-ideológica e semântica, seu vocabulário, seu sistema de acentos, seu *slogan*, seus insultos e suas lisonjas.

Os acontecimentos, temas (no sentido Bakhtiniano de um acontecimento em determinada sócio-historicidade, repleta de valoração) dos memes, podem ser de conhecimento compartilhado, seja de todo o mundo, ou então de uma nação, estado ou cidade, ou de um grupo social, ou mesmo de apenas dois sujeitos; e a recuperação do diálogo com enunciados anteriores interfere na produção de sentido do meme. Caso o meme não se refira mais à espaço-temporalidade de seu leitor, a recuperação de seus elos para produção de sentido pode ser feita na memória discursiva da cadeia de enunciados. Nesse sentido, entendemos o meme como um enunciado “aberto”, no qual “não existe a primeira nem a última palavra, e não há limites para o contexto dialógico (este se estende ao passado sem limites e ao futuro sem limites)” (BAKHTIN, 2011, p.410); “O sentido é sempre personalista: nele sempre há dois (como mínimo dialógico)” (BAKHTIN, 2011, p.410).

Tematicamente, podemos dizer que os memes muitas vezes satirizam ou criticam sujeitos sociais de autoridade, acontecimentos históricos, políticos etc. Devido a isso, os memes têm se tornado uma forma de expressão vastamente utilizada, e sua autoria não é – quando compartilhados na rede – de possível detecção. Entendemos que a não atribuição de autoria aos memes configura, mais do que uma “proteção de face”, para não ser identificado, uma espécie de irrelevância, já que o importante, nesse gênero, é a instantaneidade, a circulação nas esferas, a produção de sentidos imediata e a resposta objetivada, que a princípio é o riso, mas pode estender-se, obviamente, a outros tipos de resposta, como um novo meme, por exemplo. Sobre a autoria na contemporaneidade, Brait (2010, p.215) reflete:

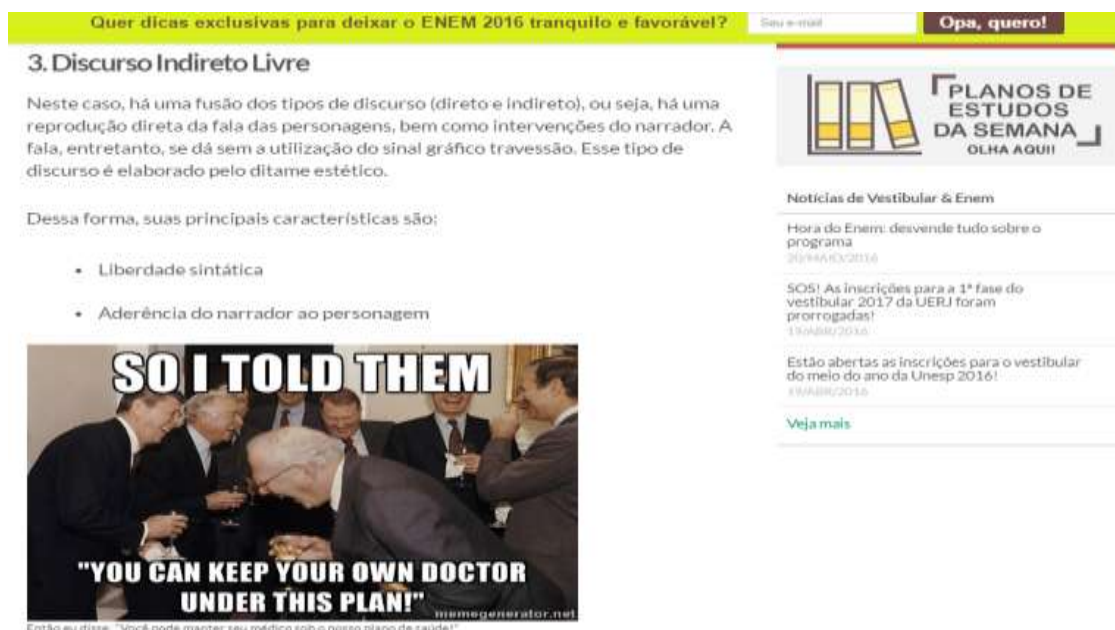
As ideias da geração espontânea, propriedade coletiva e livre apropriação assumem proporções de tal monta que a discussão em torno do autor e autoria desloca o foco de uma ética da recepção para a do bem comum assumido, consumido e modificado de acordo com os interesses do usuário.

Os memes que foram encontrados em aproximadamente 44 *posts* das disciplinas de gramática e redação entre os anos de 2009 e 2016, no *blog* Desconversa, circulam na rede em outros ambientes – como *Facebook*, *Tumblr* e *Blogs*. As temáticas dos memes que encontramos nas aulas se restringem a fatos acontecidos com cantores/atores famosos, trechos de séries, filmes, memes de temática amorosa etc, frutos do universo desse possível “outro”, jovem estudante, configurando uma resposta, portanto, aos anseios e desejos

desse aluno em fase de vestibular, já leitor do mundo em movimento dinâmico, híbrido, bilíngue, e que compartilha dessas referências que interferem na produção de sentido dos memes.

A materialidade verbal do meme, no caso do Brasil, dá-se, comumente, em português, mas também há vários memes em circulação em outras línguas, entre elas a língua inglesa (figura 2), e que foram trazidos para os *posts* pelo cursinho, revelando esse espaço sem fronteiras que é a *internet*, onde o inglês é tido como língua franca, e revelando, além da instabilidade do gênero, a imagem que se tem desse “outro”, aluno, capaz de entender exemplificações de aula em outra língua³. Esses apontamentos configuram o estilo do gênero meme, o que pode ser conferido nas figuras que seguem:

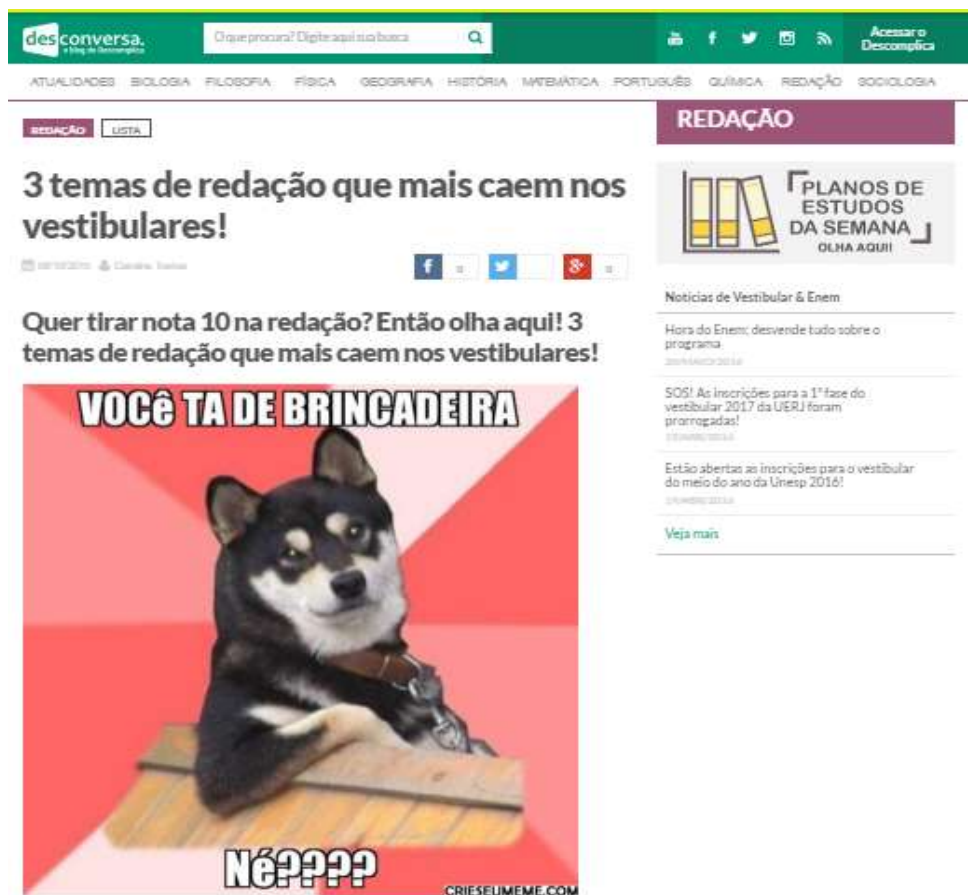
Figura 2: Meme em inglês exemplificando conteúdo de *post* sobre discurso direto e indireto



The image shows a screenshot of a webpage. At the top, there is a yellow banner with the text "Quer dicas exclusivas para deixar o ENEM 2016 tranquilo e favorável?" and a "Seu e-mail" input field. Below the banner, the main content area has a section titled "3. Discurso Indireto Livre". The text under this title explains that it is a fusion of direct and indirect speech, where the narrator's voice is used to reproduce the characters' speech. Below this, it lists two characteristics: "Liberdade sintática" and "Aderência do narrador ao personagem". To the right of the main text is a sidebar with a header "PLANOS DE ESTUDOS DA SEMANA OLHA AQUI!!" and several news items about vestibular exams. At the bottom of the main content area, there is a meme featuring a group of men in suits. The text on the meme reads: "SO I TOLD THEM" at the top and "YOU CAN KEEP YOUR OWN DOCTOR UNDER THIS PLAN!" at the bottom. Below the meme, there is a small caption in Portuguese: "Então eu disse: 'Você pode manter seu médico sob o nosso plano de saúde!'".

³ O meme da figura 4, em específico, traz a tradução como legenda, mas essa não é uma regra: há vários memes em inglês nas aulas do cursinho em análise que não acompanham a tradução.

Figura 3: Marca de oralidade dos memes em *post* sobre temas de redação



Como já afirmado, a materialidade visual do meme constitui-se de imagens que, geralmente, são citadas, ou há a possibilidade de se produzir um meme com uma foto ou imagem elaborada com essa finalidade. Geralmente uma mesma imagem dá origem a vários memes, como a que se segue, retirada de um *post* de nosso *corpus*, mas que circula na *internet* com inúmeras frases parodiando a abaixo, sempre na estrutura: “Me solta que...”. Cria-se o diferente em cima do mesmo:

Figura 4: Meme em *post* sobre formas nominais

Quer dicas exclusivas para deixar o ENEM 2016 tranquilo e favorável? Seu e-mail

1. Infinitivo

Indica a ação verbal propriamente dita, sem situá-la no tempo. Pode ter valor substantivo. O elemento mórfico que caracteriza o infinitivo é a desinência -r. Ex.: Lutar é preciso, amar o próximo é necessário.



Me solta que vou DAR na cara dessa égua.

Eu dou, tu dá, ele dá... A locução verbal acima é uma locução verbal de infinitivo, logo, VOU DAR.

Principalmente em redes sociais, vemos muitos casos de confusão entre presente do indicativo e infinitivo como: "Ela estar me esperando" ou "Vou está viajando". O melhor é procurar escrever corretamente, mesmo em redes sociais, para não cair no erro de usar esta forma em uma redação ou resposta.

PLANOS DE ESTUDOS DA SEMANA OLHA AQUI!

Notícias de Vestibular & Enem

Hora do Enem: desvende tudo sobre o programa
20/MAIO/2016

SOS! As inscrições para a 1ª fase do vestibular 2017 da UERJ foram prorrogadas!
19/ABR/2016

Estão abertas as inscrições para o vestibular do meio do ano da Unesp 2016!
19/ABR/2016

[Veja mais](#)

Analisando o meme acima, no contexto da aula, o que nos chama atenção primeiramente, é o estilo na apresentação do conteúdo: é uma apresentação sucinta e precisa, com poucos conectivos – aproximando o discurso do oral – transposto de forma moderna e bem-humorada, dialogando com discursos e personagens em exibição na *internet* por meio do meme. O meme, no exemplo acima, representa verbal e pictoriamente a informação. Verbalmente, pois, servindo como exemplo de conteúdo da aula, o enunciado verbal exemplifica o apagamento da marca de infinitivo do verbo DAR, realizando-se como “da-“, e, pictoriamente, pois a personagem está sendo segurada e pedindo para ser solta, já que está sendo impedida de realizar o que deseja, materializando visualmente o enunciado “me solta”. O riso, principal atitude responsiva ativa de um gênero que veicula humor, somente se dá na leitura do verbal e do visual em associação, ou seja, o enunciado verbo-visual, por se configurar como um todo indissolúvel, só faz sentido em sua leitura totalizante. Nessa configuração, o discurso pedagógico (em associação ao meme) coloca-se como mais atrativo para esse perfil de aluno que a busca em ambiente *online*, e nos parece que atualiza o discurso do professor que produz piadas oralmente em aulas em cursinhos

presenciais para o ambiente digital em formato de meme, já que a piada escrita não produziria os mesmos sentidos do que quando contada oralmente.

As finalidades com as quais foi utilizado o meme nos *posts* e sua descrição como recurso didático-pedagógico estão sendo desenvolvidas na pesquisa de mestrado, que está em andamento, entretanto já podemos afirmar que sua existência na esfera didático-pedagógica *online* é propiciada pelos próprios recursos e possibilidades de dizer dos ambientes virtuais que, inclusive, valem-se constantemente de enunciados visuais, verbo-visuais e verbo-voco-visuais. A princípio, o que podemos observar, em nosso *corpus*, é que os memes aparecem de duas formas diferentes:

(1) Como ilustração para compreensão de conceitos e para produção de humor;

(2) Para produção de humor, sem relação ao conteúdo do enunciado;

Além disso, pensamos que o uso desse gênero verbo-visual – vinculado ao humor e disseminado na *internet* –, tornando-o “escolarizado”, é uma resposta às “exigências” comerciais de constituição do espaço escolar, principalmente dos cursinhos pré-vestibulares, como espaços de descontração, diversão e de humor aliado ao ensino.

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Nosso objetivo, com esse artigo, é propor uma reflexão para o entendimento do meme como gênero do discurso, a partir da perspectiva de Bakhtin e o Círculo, definindo-o dentro de sua esfera de produção, circulação e recepção. Concebemos o meme como gênero pensando que ele:

emerge da totalidade concluída e solucionada do enunciado, que é o ato realizado por sujeitos organizados socialmente de uma determinada maneira. Trata-se de uma totalidade temática, orientada pela realidade circundante, marcada por um tempo e um espaço (BRAIT, 2012, p.15).

Para tanto, procuramos também demonstrar a possibilidade de ler enunciados compostos por diferentes materialidades – detendo-nos à verbo-visualidade – por meio da filosofia de Bakhtin e seu Círculo, tema que também foi explorado no artigo *A presença de memes em aulas online de língua materna: considerações sobre multiletramentos e práticas de leitura de enunciados verbo-visuais* (LARA, 2017).

Nesse contexto, entendemos que os gêneros digitais alteram as relações entre leitura e escrita, autor e leitor; alteram os protocolos de leitura. A *internet* propicia a existência de dispositivos interativos que dão lugar a novos escritos, a novas formas de interação, das quais emergem novos gêneros discursivos, como os memes. As novas tecnologias convocam novos letramentos, configuram textos com multiplicidade de materialidades significantes. Não basta mais decodificar o verbal, é preciso relacioná-lo à imagem, associá-lo ao movimento e ao som, para potencializar a produção de sentidos.

REFERÊNCIAS

- AZZARI, E.F; MELO, R. Olhares sobre a linguagem em redes sociais e suas interfaces com a educação crítica e pluralista. *Texto livre: linguagem e tecnologia*. Belo Horizonte, v.9, n.2, jul-dez, 2016.
- BAKHTIN, M. *Questões de literatura e de estética*. A teoria do romance. Tradução de BERNARDINI, A.F; JÚNIOR, J.P.; JÚNIOR, A.G.; NAZÁRIO, H.S.; ANDRADE, H.F. de. São Paulo: UNESP, 1998.
- BAKHTIN/VOLOCHÍNOV. *Marxismo e filosofia da linguagem*. Tradução de LAHUD, M. & VIEIRA, Y.F. 9ª ed. São Paulo: Hucitec, 1999.
- BAKHTIN, M. *Estética da Criação Verbal*. Trad. Paulo Bezerra. 6ªed. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2011.
- BRAIT, B. A palavra mandioca: do verbal ao verbo-visual. *Bakhtiniana. Revista de Estudos do Discurso*, 2009, v. 1, p.142-160.
- _____. Tramas verbo-visuais da linguagem. In_____: *Literatura e outras linguagens*. São Paulo: Contexto, 2010, p.193-228.
- _____. Importância e necessidade da obra O método formal nos estudos literários: introdução a uma poética sociológica. In: _____. *O método formal nos estudos literários: introdução a uma poética sociológica*. São Paulo: Editora Contexto, 2012. P.11-18.
- _____. Olhar e ler: verbo-visualidade em perspectiva dialógica. *Bakhtiniana*, São Paulo, 8 (2): 43-66, Jul./Dez. 2013.
- DAWKINS, R. *O gene egoísta*. Tradução Rejane Rubino. São Paulo, SP: Companhia das Letras, 2007.
- Figura 1* disponível em: <<http://descomplica.com.br/blog/portugues/resumo-generos-textuais/>> Acesso em 04/05/2017.
- Figura 2* disponível em: <<http://descomplica.com.br/blog/portugues/lista-discurso-direto/>>. Acesso em 04/05/2017.
- Figura 3* disponível em: <<http://descomplica.com.br/blog/redacao/lista-temas-de-redacao/>> Acesso em 04/05/2017.
- Figura 4* disponível em: <<http://descomplica.com.br/blog/portugues/lista-formas-nominais/>> Acesso em 04/05/2017.
- GRILLO, S. Fundamentos Bakhtinianos para análise de enunciados verbo-visuais. *Filol. linguíst. port.*, n. 14(2), p.235-246, 2012.

LARA, M.T.A. A presença de memes em aulas online de língua materna: considerações sobre multiletramentos e práticas de leitura de enunciados verbo-visuais. *Migulim – Revista Eletrônica do Netllí*, Crato, v. 6, n. 1, jan.-abr. 2017 [No prelo]

MARCUSCHI, L. Da fala para a escrita. São Paulo: Editora Cortez, 2010.

ROJO, R., MOURA, E. (org). *Multiletramentos na escola*. São Paulo: Parábola, 2012

_____. *Escol@ Conectada: os multiletramentos e as TICs.*. São Paulo: Parábola, 2013.

ROJO, R.; BARBOSA, J. P. *Hipermodernidade, multiletramentos e gêneros discursivos*. São Paulo: Parábola Editorial, 2015.

MARINA TOTINA DE ALMEIDA LARA

Graduada em Letras – Português/Francês (UNESP), Mestranda em Linguística e Língua Portuguesa (UNESP), Bolsista do CNPq. Membro do Grupo de Pesquisa SLOVO - Grupo de estudos do discurso (UNESP), m.almeidalara@hotmail.com

Enviado em 20/04/2017.

Aceito em 20/05/2017.